

1

ROBBIE

Segunda-feira, 28 de agosto, 19 horas

Isto vai parecer uma completa loucura, mas está uma casa a cair da falésia. Falo a sério, mesmo à frente dos meus olhos.

Bem no topo do promontório da Rua Pine Ridge, a zona residencial mais alta da cidade — e também com os preços mais elevados. A exclusiva, chique e *famosa* Rua Pine Ridge, porque se não a conheciam antes deste verão, vão sem dúvida ficar a conhecer, e isso deve-se, em parte, a mim («Robbie Jevons é a estrela do ativismo *Zoomer* da Costa Sul» — *The Guardian*, nada menos).

Enfim. A casa está literalmente a deslizar por trás de uma sebe verde alta e em direção à beira da falésia, e o mais louco é que sou o único que parece estar a vê-la! Encontro-me sozinho nas dunas atrás do palco, com a praia à minha esquerda, a povoação à direita e o promontório a uma certa distância, mas no meu campo de visão. Os restantes estão de costas, virados para o palco, a assistir ao concerto — mil pessoas ou mais, todas com um ar de felicidade no rosto, como se estivessem na presença do Harry Styles ou assim, e não de um grupo aleatório de Weymouth a tocar *covers* antigos de *rock*.

«Smoke on the Water»? A sério?

Mas não. As casas não se movem. Não *deslizam*. Fumei um pouco de erva e bebi algumas cervejas, por isso talvez esteja a alucinar. (Também me sinto um pouco atordoado devido a outras atividades, mas não vamos falar disso.) Para me testar, desvio o olhar e concentro-me num casal na

extremidade da multidão. Ele, dentro do mar com a água pelos joelhos, é forte como uma árvore e tem tatuagens nos peitorais que brilham como a pele de um crocodilo; ela, sentada nos ombros dele com as coxas apertadas em volta do pescoço, a agitar os braços ao ritmo da música. Acho que não os conheço, mas estamos todos misturados, habitantes locais, recém-chegados e turistas. Hoje, tal como a mensagem no cartaz abandonado aos meus pés, «NENHUM HUMANO É TABU».

Conto até dez, volto a olhar para cima e, caramba, se a frente da casa não está agora mesmo à beira da falésia, como uma daquelas varandas projetadas na lateral de um bloco de apartamentos. E é *definitivamente* real: uma moradia térrea revestida de madeira, com telhado de ardósia e uma fileira de janelas que brilham no tom dourado do sol poente.

Mesmo por trás dela, visível através da sebe: uma mancha de amarelo-vivo.

Ponho-me de pé e cambaleio duna abaixo e ao longo da praia até onde a Shannon dança ao lado do palco.

— *Fire in the sky* — canta ela, uma sonhadora descontraída, e estica-se para me agarrar na mão. — Robster! Onde estiveste?

— Olha — grito, por entre guitarras que furam os tímpanos. — Vê só o que está a acontecer lá em cima!

Ela vira-se e segue o meu olhar, sem perceber de imediato o que está a ver. Mas, depois, reage quando a casa dá um novo solavanco:

— Mas que raio? Temos de pedir ajuda. Encontrar um dos seguranças ou a polícia!

Mas é demasiado tarde. Quando lá chegasse, já a casa estaria feita em pó.

Nesse momento, a canção termina e, entre os aplausos, começamos a ouvi-lo: um rangido e arrastar demoníaco, mais o ruído inconfundível de algo mecânico. Ao mesmo tempo que toda a gente se vira para olhar, a voz do cantor surge no sistema de som:

— Merda, o que se passa ali em cima? Alguém pode tentar...?

Mas fica sem palavras.

E, no primeiro momento de puro silêncio do dia, talvez mesmo do verão, a casa despenha-se da falésia e embate no mar.

CHARLOTTE

Antes, em agosto

O primeiro vislumbre dos tons de lavanda ao sair da portagem do *ferry* nunca cansou. Aquela faixa lilás algo esbatida entre o dourado da praia e o verde-garrafa do pinhal mais além.

Ocupada a admirar a forma como os tons tinham amadurecido desde a sua última visita, Charlotte não reparou no vulto que surgiu de repente e atirou um líquido vermelho para o para-brisas.

— Mas que raio! — Perry travou e encostou bruscamente na berma da estrada, fazendo com que *Mango*, a *labrador* vermelho-raposa, se pusesse em sentido no porta-bagagens. Eles saíram do carro e levantaram os óculos de sol para ver melhor o culpado, um jovem corpulento que corria, de balde na mão, em direção aos companheiros reunidos perto da cabina da portagem.

— É bom que não seja tinta — disse Perry, com um rubor a espalhar-se por baixo do bronzado de jardim e testa acima.

— Acho que é sopa. — Ela tocou-lhe com um dedo. Era inquietantemente quente, quase à temperatura do corpo. — Ou talvez molho de piza. É bastante espesso. *Passata*.

— *Passata*? Mas eles são ativistas ambientais ou algo do género? Como aqueles cretinos que atiraram creme de pasteleiro para cima de um *Rembrandt*?

— Acho que são a malta do Não Só em Agosto. — Charlotte esticou o pescoço para ver melhor o grupo, na sua maioria mascarados ou tapados pelos cartazes que brandiam, com *slogans* como «AS CASAS DE FÉRIAS MATAM

COMUNIDADES!», «VOLTEM PARA TRÁS, VERANEANTES!» e — sim, lá estava ele — «#NSEA!»

— Ei! Parem! — gritou Perry, quando um *Volvo* se aproximou e recebeu o mesmo tratamento, com o líquido a ser atirado janela aberta do condutor, que respondeu com um rugido furioso. Charlotte viu que um *Ford Focus* velho pôde passar sem interferências, apesar de a parafernália reveladora de proprietário da segunda habitação ser visível no vidro traseiro (ninguém leva uma mangueira de jardim ou um berbequim elétrico para um arrendamento de férias), o que sugeria um sistema de classificação que carecia de critérios.

Animados pelo desafio de Perry, o grupo aproximou-se para lhe gritar na cara:

— Casas locais para a população local! Casas locais para a população local!

— Saiam da estrada! — berrou ele de volta.

— Regressem a Londres!

— Vão-se lixar!

Perry passou por eles em direção à cabina da portagem. Não era um homem alto e notava-se melhor o seu peso visto de trás, sacudindo os braços enquanto caminhava.

Mais atrás, as buzinas dos carros soavam perante o atraso, perturbando *Mango*, por isso Charlotte abriu a bagageira para a acalmar antes de encontrar um rolo de papel de cozinha e remover o suficiente da sujidade para facilitar a continuação da viagem em segurança. Acenou com a cabeça de forma amigável a um manifestante que se tinha separado do grupo e que levantou o cartaz que trazia na mão como um escudo.

— «Escumalha da segunda residência» — leu ela. — Não é muito acolhedor, pois não?

Tinha registado oposição às casas de férias, de uma forma ou de outra, ao longo dos quinze anos como proprietários da Cliff View, mas até recentemente fora um assunto discreto e marginal. Algumas questões levantadas nas reuniões do município; a marcha ocasional pela Rua da Praia Velha até à Bird Lane, onde se situavam as casas mais fotogénicas da localidade; participações no *Voice* salientando a injustiça de haver trabalhadores essenciais a viver em caravanas, enquanto os *nimbys*¹ bloqueavam os planos de

¹ O acrónimo NIMBY significa *Not In My Backyard* (No Meu Quintal). É usado como referência a pessoas que se opõem a grandes empreendimentos nas suas próprias comunidades, principalmente quando os apoiam noutros locais. (N. da T.)

construção de novos bairros residenciais. Uma presença que se fazia ouvir, claro, mas não algo a que se poderia chamar uma campanha. Não era coordenada, nem militante, como agora. Nunca estivera associada diretamente a um único grupo.

Ela tinha de admitir que, no que dizia respeito à reformulação de marcas, aquela era impressionante.

Perry regressou apressado, a suar.

— O tipo chamou a polícia. Quer que fiquemos por cá até eles chegarem.

Charlotte fez uma careta.

— Vão demorar séculos. Porque não lhes ligo na segunda-feira e assim podem registar a ocorrência nessa altura?

— Se é que fazem alguma coisa. Provavelmente só dão uma palmadinha nas costas dos fedelhos.

De óculos de sol postos e com um bater de portas, eles voltaram à estrada. Durante aquele episódio, o ritmo cardíaco de Charlotte não se alterou. Teria sido diferente se viajassem a cem à hora na altura do ataque, mas, como não fora o caso, também não tinham sofrido qualquer dano real. Além de estarem a poucos minutos da Cliff View, e do seu amado Recanto, onde naquela noite beberiam *rosé* no alpendre e assistiriam ao céu néon a dissolver-se na escuridão. Depois, durante um mês, iriam mergulhar nas águas límpidas da Praia Velha; fariam sextas à sombra dos pinheiros; passeios com *Mango* em areias espelhadas; e o trabalho de consultora fiscal ficaria reduzido a um único cliente gerido a partir da mesa da cozinha. Ah, e Benedict chegaria dentro de poucas horas, a primeira vez que viam o filho em seis semanas.

O paraíso de Pine Ridge, em suma.

— Espera, hoje é dia um de agosto, não é? — lembrou-se ela.

Dado o nome do grupo de protesto, não era de admirar que estivessem em força. Tiraram o dia de folga de trabalhos que, provavelmente, serviam as pessoas que tinham vindo assediar. Teriam começado logo que o *ferry* entrou em funcionamento, às sete da manhã? Se assim fosse, aquelas ações já estariam espalhadas pelas redes sociais.

— Escolhemos sem dúvida o dia errado para chegar.

— Pois, a não ser que repitam isto todos os dias durante o mês inteiro — lembrou Perry. Ele acionou os limpa-para-brisas para retirar mais manchas de tomate. — E chamam-nos escumalha.



Surpresa, surpresa, o muro branco da frente da propriedade estava pintado com a sigla NSEA — num vermelho escorrido para dar um belo efeito de cena de crime —, que Charlotte fotografou para carregar no *site* da polícia, fotos que sem dúvida iriam definhar para toda a eternidade, sem serem vistas.

Pelo menos as paredes da casa em si estavam intactas. A Cliff View era uma das quatro propriedades originais no topo da falésia, construídas com calcário cinza e ardósia locais, e a mais bem situada, virada num dos lados para a Praia Velha e no outro para o mar. Era também a maior, sendo que as três mais pequenas pertenciam a outros dois casais de Londres e a um de Winchester — e era improvável que viessem a ficar desocupadas tão cedo. Entre as originais, havia uma coleção de casas pontuais construídas à medida que os terrenos destinados a jardins foram sendo vendidos, incluindo a sua vizinha direta, a Villa Pino, uma versão simplificada das moradias de luxo de Sandbanks, propriedade de Tim e Madeline, de Twickenham. Casal que, graças à decisão sensata de limitarem o terreno com uma vedação em vez de um muro, tendiam a escapar ao pincel dos vândalos.

Charlotte deixou Perry a descarregar o carro e levou *Mango* para uma pequena volta pela casa, reconectando-se com os diversos pormenores de época: chão de laje, tetos abobadados, uma lareira enorme. A empregada de limpeza (Charlotte contratara sempre locais, em vez de recorrer à agência de empregadas domésticas de Poole, preferida pela maioria dos proprietários de casas de férias) tinha ido aspirar e fazer as camas, o que significava que apenas lhe restava abrir as janelas para deixar entrar o ar do mar.

Naquele dia estava divinal. Fresco e salgado, quase adstringente. Curativo. A seguir, dirigiu-se às traseiras para ver o Recanto. A poucos metros do passeio público e defendida apenas por uma vedação baixa de madeira, a sua casa de hóspedes ficava mais vulnerável ao vandalismo do que a casa principal, para não falar que estava mais exposta a um público potencial; era frequente a passagem de transeuntes pelo caminho de um quilómetro e meio que ligava a Praia Velha a Little Bay e ao melhor hotel da zona, o Needles.

Era, todos concordavam, um tesouro. Com as suas oito janelas, bem como a porta de estábulo, compostas por vitrais antigos e as linhas do telhado de ardósia projetadas de modo a refletirem as da casa principal. Tanto o revestimento como o alpendre estavam pintados com uma cor de nuvens de verão. Por vezes, ela deparava-se com fotografias da casa nas redes sociais, com os *hashtags* #casadesonho ou #casacosteira, mas não era possessiva em relação à sua imagem. Se estava à vista do público, era de esperar que fosse partilhada.

Espreitando pelo vidro, ela viu que a cama também tinha sido feita, embora fosse pouco provável que a usassem naquele verão. Os únicos hóspedes que iam receber eram Benedict e a nova namorada, que dormiriam na casa principal.

Charlotte demorou-se no alpendre, posicionando-se de modo a ver apenas o mar e o céu, sem pinturas, sem limites. Assim, podia imaginar-se numa vinheta de tempos de guerra, olhando para o azul e contemplando os horrores em França. A pensar-se — a *saber-se* — como uma das sortudas.

Por certo punha a *passata* em perspetiva.



— Ficas aqui — disse a *Mango*, e fechou o portão para descer a escada até à praia, um atalho algo arrepiante para a zona velha da vila que Perry previu que seria em breve encerrada pela brigada de segurança e saúde. Não havia sinais de problemas no areal, apenas as filas familiares de espreguiçadeiras e chapéus de sol amarelos para alugar, e a miscelânea de toalhas e mantas dos restantes banhistas. Pais que aplicavam protetor solar no rosto das crianças enquanto jovens de vinte e poucos anos tostavam a pele tatuada (ainda é possível ter cancro numa pele tatuada com dragões?) e outros faziam fila para os *Aperol spritzes* e o *gelato* local servido em atrativos balcões de madeira. Que mais? Ténis de praia, voleibol e aquele novo jogo que envolve uma bola e um minitrampolim. Um grupo de pessoas sorridentes com coletes salva-vidas a serem informadas à beira-mar antes de uma aula de *paddleboard*.

Não se via nenhum ativista.

Charlotte estava na fila da charcutaria na Rua da Praia Velha quando Amy lhe enviou uma mensagem.

Já aterraste! Acabei de ver o Perry com o pincel ☹️

Avisa quando estiverem livres para brincar.

«Livres para brincar» significava que os podiam convidar para sua casa — ou pelo menos assim acontecera na Páscoa, na primeira visita de Amy e Linus ao novo retiro, um *bungalow* a cair aos bocados, inadequado mesmo para a receção mais informal. Vizinhas em Londres — Charlotte e Amy tinham-se conhecido quase uma década antes no moderno estúdio de ioga quente em Lordship Lane, que ambas experimentaram e depressa abandonaram em prol do original não quente — e agora, ali, em Pine Ridge, iriam ver-se mais do que às próprias famílias. Mas, como dissera Charlotte a Perry, os amigos *escolhiam-se*, certo?

Ela procurou em vão nas prateleiras opções de cerveja sem álcool para Perry, que já não bebia, e rezou para que ele se tivesse lembrado de trazer as suas *Lucky Saint* de Londres. Imaginou-o a contar a Amy as peripécias no *ferry*. Os Shaw tinham viajado no fim de semana — quando ainda era julho — e sido provavelmente poupados ao caos, tornando-se irónico, porque era de supor que faziam parte do influxo que inspirara o NSEA a subir a parada em primeiro lugar. Tal como outras pessoas da cidade, eles só reavaliaram as suas prioridades quando compraram uma segunda casa, reformulando o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal após o confinamento, mas não deixava de parecer que se tinham aproveitado do sofrimento.

Parecia cruel.

— Posso ajudar? — perguntou a rapariga da caixa, com um cabelo fino vermelho-dourado e uma tonalidade de pele ruborizada distintamente inglesa. Partilharia a raiva dos colegas locais? Tinha um ar tão tranquilo. Um crachá identificava-a com o nome Shannon.

— Olá, Shannon. És nova aqui?

— Estou cá há quase um ano — respondeu a jovem, num tom alegre mas impessoal.

— Ah. Bom, parece que vai estar um tempo fantástico nas próximas semanas, não é? Tens algum daquele molho de caranguejo com funcho? Não o vi no frigorífico.

— Está esgotado. Mas temos a cavala com rábano.

— Esse não me agrada tanto. Sem problema.

A rapariga passou os artigos pelo *scanner*.

— São quarenta e cinco libras e quarenta e três *pence*.

Por um par de molhos e uma caixa de palitos de queijo! Charlotte passou o cartão com um respeito relutante. Para uma comunidade que albergava tantos fanáticos antirriqueza, havia ali muito bom senso comercial.



— Eles vão instalar uma casa de hóspedes — informou Perry. — A perturbação será mínima.

Charlotte pousou as compras dentro de casa e sentou-se ao lado dele na mesa do terraço.

— A Amy e o Linus? Isso ainda está quente?

Ela serviu-se de café da prensa francesa, apesar de por norma evitar a cafeína a partir do meio-dia. Era uma *Le Creuset*, cor *Marseille Blue*, um dos utensílios que associava de tal forma a Pine Ridge que poderia sentir um sobressalto sensorial quase erótico se a encontrasse noutro local.

— É uma estrutura que vem em módulos e fica montada em poucas horas. Ela disse que, se conseguirem que seja entregue depressa, até podem dormir nele nesta estada... ou deixar que os miúdos durmam. O Huck convidou um estudante de intercâmbio francês e, ao que parece, um dos quartos deles ainda tem uma janela tapada com tábuas.

— O Linus não se ajeita nada com trabalhos manuais — comentou Charlotte. — Talvez o pudesses ajudar?

— Talvez. — Perry simpatizava menos com Linus do que com Amy, estando os dois em lados opostos na última controvérsia do sul de Londres sobre os bairros de baixo tráfego e sendo ambos igualmente resistentes a compromissos. Charlotte sabia que havia outras rivalidades em jogo, como o negócio de seguros para bicicletas de Linus que arrancara na mesma altura da semirreforma de Perry, o que era o tipo de rutura hierárquica com que Perry se debatia.

— Vê, ela enviou-me uma fotografia.

Perry passou-lhe o telemóvel.

— Bom, parece-me familiar — disse Charlotte, estudando a estrutura em estilo chalé com o alpendre envolvente e o telhado de ardósia inclinado.

— Eu sei. E mais: vai chamar-lhe Refúgio. Dizem que a imitação é a forma mais sincera de elogio.

Charlotte não se perturbou com o assunto. Oito anos mais velha do que Amy, ela ficara feliz com o tom estabelecido desde cedo e de forma natural naquela amizade calorosa e franca. Partilhava a sua sabedoria e Amy recebia-a — seria indelicado ficar ressentida. Em todo o caso, o novo anexo no jardim dos Shaw não podia ser exatamente idêntico ao deles, porque o Recanto era um tesouro *vintage*, uma peça única recuperada de uma propriedade no Sussex, restaurada por artesãos especializados.

O telemóvel de Perry e o dela emitiram o alerta de notificações em uníssono, ao que eles acorreram como cirurgiões de serviço. O dela era uma mensagem nova de Amy que dizia quase o mesmo que a primeira.

— A que horas devo dizer para aparecerem? — perguntou ela, e Perry levantou os olhos do aparelho, surpreso.

— A quem?

— À Amy e ao Linus, claro. — Ela inclinou a cabeça, intrigada — e de quem é a tua mensagem?

Ele guardou o telemóvel no bolso sem desviar o olhar do dela, naquele jeito impassível, quase descarado, que fazia quando mentia.

— Ninguém — respondeu.